

Laboratório de Ensino

“O EU E O ISSO” (1923)

Izabella da Silva Ribeiro (Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF - Niteroi. Participante do Projeto de Ensino “Ensino e transmissão dos conceitos fundamentais da psicanálise, da teoria da clínica psicanalítica e dos desafios de sua prática na contemporaneidade”, coordenado pela Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira)

Flavia Lana Garcia de Oliveira (Professora Adjunta A do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF-Niteroi)

Texto baseado nos estudos realizados durante a disciplina de graduação “Teoria Psicanalítica II – O Ego e o Id”, ministrado pela Profa. Flavia Lana em 2021/2 na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nos capítulos iniciais do texto “O Eu e o Isso”, Freud (1923) sustenta uma problematização acerca do estatuto do Eu para a psicanálise, mostrando que o Eu pode estar indiferenciado no Isso e que a diferenciação entre o Eu e o Isso é essencial para a tomada de uma nova posição menos pressionada pela pulsão, o que seria contraproducente para a autopreservação do indivíduo. A partir da segunda tópica do aparelho psíquico é demonstrado que boa porção do Eu pertence ao Isso, sendo uma instância que não recusa radicalmente o polo pulsional. Mais precisamente, o Eu representa um novo processo psíquico que implica uma nova forma de abordar a dimensão pulsional, mais condizente com a orientação espaço-temporal, dentre outras coordenadas que permitem seu funcionamento em conformidade com o princípio de realidade.

O Eu pode figurar como mediador entre as exigências pulsionais e as demais exigências provenientes da realidade e do Supereu, a fim de que seja possível aplicar as forças psíquicas para propósitos desejáveis para a dignidade e realização na cultura. Uma das manifestações da importância funcional do Eu é o controle da motilidade. Contudo, pode se mostrar excessivamente tomado pela pulsão quando se coloca a serviço de ações compulsivas que ultrapassam o princípio do prazer, o devastam e o deixam à mercê da voracidade pulsional. Freud compara o Eu a um cavaleiro que deve pôr freios à vontade superior do cavalo (exigências do Isso), com a diferença que o cavaleiro o faz com forças próprias, enquanto o Eu, com forças emprestadas que provêm da própria pulsão. Porém, assim como cavaleiro que, para não se separar do cavalo, costuma conduzi-lo para onde quer ir, o Eu costuma transformar em ato a vontade do Isso, como se sua fosse.

Além disso, no terceiro capítulo do texto, Freud (1923) define o “Supereu” ou “Ideal do eu” como “uma gradação do Eu, uma diferenciação dentro dele” (p. 41), que é formada a partir das influências dos investimentos (catexias) objetivos abandonados. A catexia de objeto é substituída por uma identificação e, em suas palavras, “esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado seu ‘caráter’” (p. 41). É efeito das identificações iniciais, resultantes do longo desamparo e da dependência infantil do ser humano. Ao longo do texto, Freud trabalha os destinos da sexualidade infantil e do complexo paterno na vida pulsional. Destaca o Supereu como herdeiro do Complexo de Édipo. Explica como o Eu se aparelha com a habilidade da tomada de consciência, a capacidade de avaliação, de exame crítico e de autocrítica. Tais faculdades

psíquicas não surgem meramente a partir de influências externas que colocam o indivíduo como um receptor passivo, mas derivam do trabalho psiquicamente complexo que envolve processos identificatórios ligados às figuras familiares. Envolve a capacidade do indivíduo de fazer das conexões libidinais e das ligações pulsionais iniciais um acesso a recursos que essas figuras têm a transmitir. Desse percurso, é possível extrair o necessário para equipar seu Eu na formação do chamado senso de moralidade, que se origina em um território de bases libidinais muito delicadas por apontar para quem foi a família do indivíduo, os discursos sustentados, os afetos e crenças que se edificaram no período infantil e que poderão ser apropriados a partir da formação psíquica do Supereu. De acordo com Freud (1923):

“[...] A reflexão em seguida nos demonstra que nenhuma vicissitude externa pode ser experimentada ou sofrida pelo id [isso], exceto por via do ego, que é o representante do mundo externo para o id. Entretanto, não é possível falar de herança direta no ego [eu]. [...] As experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança; mas, quando se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as” (p. 50-51).

O Supereu pós-edípico repercute no Eu e é o motor do recalque. Este último pode ser esclarecido como a internalização de uma força que já é habilitada a partir dos desligamentos que o indivíduo pôde fazer dos impulsos edípicos, consentindo em herdar alguma coisa do outro. Tal passo o estrutura de forma apta a se relacionar com a realidade. Em suma, trata-se de passar da imersão completa na trama edípica à capacidade de extrair os valores sobre quem são essas figuras familiares enquanto sujeitos e tomar algo disso para si. O Supereu pós-edípico permite que o indivíduo fale e pratique atos em nome próprio. As flutuações afetivas que caracterizam a ambivalência afetiva infantil são superadas em boa medida, estabilizando um laço com a vida mais organizador, já a partir do que adveio da relação com o outro. Dito de outro modo, para que haja a emergência do Supereu pós-edípico, faz-se necessário que o Eu advenha do Isso. Tal operação implica uma fusão pulsional que subordina a pulsão de morte a elementos libidinais mais vitais.

Mais adiante, Freud discorre sobre as características distintivas da neurose obsessiva e da melancolia. A melancolia é abordada pela incidência de um Supereu muito ruidoso, que é “cultura pura de pulsão de morte” (Freud, 1923, p. 66), não sofreu a ação edípica e não foi capaz de equipar o Eu com coordenadas mais protetoras da invasão pulsional. Conforme as contribuições já desenvolvidas por Freud (1917) anos antes em “Luto e Melancolia”, o melancólico tende a experimentar grandes expectativas em relação ao objeto. Ao se decepcionar com o objeto amado, não se separa do mesmo, mas se mantém ligado ao objeto em uma relação de base oral: “engole”, devora o objeto em uma relação de tipo canibalesca, se identificando com ele. Neste caso, a identificação com o objeto é distinta da que decorre da identificação pós-edípica. Sem um passo sublimatório de mudança da finalidade da pulsão, o indivíduo não se desliga do objeto por meio da tomada de um traço para a elaboração de si. O Eu fica “esmagado” por esse objeto. O melancólico passa a se tratar com a mesma crueldade endereçada ao objeto. O Supereu consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano, através da conversão em mania.

Já na neurose obsessiva, observa-se um sentimento de culpa voraz, um auto-julgamento endurecido e uma necessidade de punição expressada. Muitas vezes, dessa dinâmica resulta atos obsessivos, visando, entre outras coisas, “limpar-se” de alguma sujeira como se o Eu se

considerasse sujo, impuro e indigno. O obsessivo possui um Supereu excessivo, ruidoso e punidor, que se culpa demais por razões que, inconscientemente, não são desconhecidas. O obsessivo fantasia demais com o que é proibido. É como se tal ruidez se devesse ao fato de que o Supereu soubesse disso. O Supereu sabe mais do que o Eu, uma vez que se encontra enraizado no Isso e tem contato direto com a dimensão pulsional que permite o acesso à dimensão da fantasia e de atividades inconscientes.

No entanto, Freud indica que, apesar das aparentes semelhanças fenomênicas, o Supereu do melancólico difere do Supereu do obsessivo. O primeiro é pré-edípico e arcaico, enquanto o segundo é pós-edípico. Na melancolia, a crueldade superegoica pode levá-lo ao suicídio, como efeito da ira sádica do Supereu em relação ao Eu. O Supereu arcaico refere-se a um tempo da constituição em que o Eu era puro Isso, puro objeto, frágil, desamparado e débil. Consequentemente, a "instância parencial", ainda não organizada a partir da diferença sexual, é muito imperativa, com a presença de uma figura materna tomada como onipotente, dentora do pênis e, portanto, não marcada pela lógica da castração (Freud, 1923, p. 44).

Bibliografia:

FREUD, S. (1917[1915]). Luto e Melancolia. In: *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. In: FREUD, S. (Autor). *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 16, p. 13-74.